

A ABOLIÇÃO DA MORTE NA MODERNIDADE

Luís Cláudio Ferreira Silva¹

Odisseia

RESUMO: Certeza única que se tem na vida, a morte é um assunto afastado das rodas sociais, tornou-se um tabu, e procura-se, o menos possível, falar ou pensar nela. Diz-se que o maior dos sonhos dos seres humanos é viver eternamente, ou seja, banir a morte. Eliminá-la seria o maior dos feitos humanos. Contudo, algumas culturas, como a mexicana, por exemplo, cultuam a morte e tem pensamentos que diferem daqueles do senso comum moderno. Algumas sociedades ao longo do tempo também tiveram uma relação mais próxima com ela: aceitação. Os filósofos existencialistas, notadamente Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger afirmam que só perante a morte é que o ser humano elucida a vida. Entretanto, imagina-se, por um instante, como a sociedade moderna reagiria com o fim da morte, e consequentemente, com a vida eterna na terra. Seria um presente divino, como a humanidade sempre sonhou ou uma catástrofe total, visto que o ser - humano perderia aquilo que lhe fazia dar valor à vida como diziam os existencialistas? Nos romances *As Intermitências da Morte* de José Saramago, e *A Desintegração da Morte* de Orígenes Lessa, a morte é abolida. Como a sociedade, baseada no capitalismo, conseguiria suportar uma superpopulação? Haveria lugar para todas as pessoas? Quais os problemas que tal fato causaria na sociedade? O ser humano estaria preparado para viver eternamente? São questões que se propõe responder no presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo; Modernidade; Capitalismo; Morte.

ABSTRACT: Although it is the only certainty we have in life, death is a subject away from social circles, it became a taboo, and we seek to talk or think about it as little as possible. It is said that the greatest of human dreams is to be able to live forever, that is, to banish death. Eliminating it would be the greatest of human deeds. However, some cultures, like the Mexican one, for example, worship death and conceptualize it in a different way from the modern common sense. Over time, some societies have also had a closer relationship with it: one of acceptance. Existentialist philosophers, notably Jean-Paul Sartre and Martin Heidegger claim that only when faced with death is that the human being understands life. However, one may wonder for a moment how modern society would react to the end of death, and consequently, to eternal life on earth. Would it be a godsend, as mankind has always dreamed of, or a total disaster, since the human being would lose exactly what

¹ Graduado no curso de Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá. Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.

makes him value life, as the existentialists claim? In two novels - *As Intermittências da Morte* by José Saramago, and *A Desintegração da Morte* by Orígenes Lessa - death is abolished. How would society, based on capitalism, handle overpopulation? Would there be room for everybody? What are the problems that such event could cause to society? Would the human race be prepared to live forever? These are some questions that the present study aims at answering.

KEY-WORDS: Existentialism; Modernity; Capitalism; Death.

1. A Sociedade e a Figura da Morte

Certeza única de qualquer ser - humano, provavelmente todo mundo já se questionou, ao menos uma vez na vida, a respeito de sua própria morte. Quando virá o fatídico dia, e como acontecerá. Na perda de alguém próximo, sofreu e já se perguntou por que não se vive eternamente. Contudo, em meio a tantas incertezas que rondam as vidas, a única certeza que se tem, concretamente, é a morte, fato intransferível e irremediável. Se muito se pensa na morte, em geral, angustia-se, e justamente para evitar essa angústia procura pensar-se o menos possível nela.

E a morte é justamente um dos grandes pontos de discussão de uma corrente filosófica intitulada Existencialismo, que tem como grandes pensadores o dinamarquês Soren Kierkegaard, o alemão Martin Heidegger e o francês Jean Paul Sartre. Segundo tais teóricos é na morte que o homem se totaliza. Em outras palavras, o *Dasein* é um ser para a morte, visto que ela só acontece uma vez, sendo assim o fim de tudo. Ela foge ao controle, não se sabe quando irá fazer sua visita e sempre o ser humano se inquieta a respeito dela.

Contudo, a morte sempre foi tema tabu nas sociedades. Todos os seres humanos evitam hoje em dia pensar nesse tão fatídico dia. Tenta-se afastá-lo o máximo possível dos pensamentos. Contudo, a morte sempre foi vista dessa maneira? Como outras sociedades reagem com respeito a ela? Nas sociedades antigas, segundo Ariès, as pessoas encaravam o fato com naturalidade, viviam normalmente, aproveitando seus momentos e quando a hora era chegada se preparavam para mais um ato de suas vidas:

[...] passavam deste para o outro mundo, gente prática e simples, observadores dos signos e, antes de mais nada, de si mesmos. Não tinham pressa em morrer, mas quando viam chegar a hora, sem precipitação nem atraso, como devia ser, morriam cristãos." Mas outros indivíduos, não-cristãos, morriam de modo igualmente simples (ARIÈS, 2002, p. 31).

As pessoas morriam em casa e eram cercadas pela família e por amigos. Choravam e despediam-se na frente de todos. As crianças faziam parte dos ritos, viam a morte de perto. Ninguém a evitava. É claro que se queria viver mais, via-se a interrupção da vida. Mas enfrentava-se o fato. É que

Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor (ARIÈS, 2002, p. 47).

Já no romantismo, a morte era considerada uma fuga para os problemas a insatisfação com o mundo. Já não era só um acontecimento normal, passou-se a uma necessidade, retratada, por muitas vezes, com uma beleza suprema: a morte não será desejável, como nos

romances macabros, mas sim, admirável por sua beleza: é a morte a que chamaremos romântica, de Lamartine na França, da Família Bronte na Inglaterra, de Mark Twain na América (ARIÈS, 2002, p. 66).

Mas a morte também já foi retratada com erotismo. A morte, assim como o sexo, é uma ruptura. Ela é associada ao amor, por exemplo, em romances e peças onde amantes se unem na morte, como em Romeu e Julieta. Enquanto morta, a beleza da amante é ressaltada e, por vezes, viu-se o amante ainda mais enamorado dela quando a possuía no túmulo, morta, com sua pele alva. Mas, em geral, a morte é vista apenas como uma ruptura da linearidade da vida e cada vez mais o ser humano passou a afastar essa figura que rompe sua ligação com a vida:

O apagamento da morte culmina com a anulação da subjetividade humana dentro de um sistema calculado, em uma espécie de prisão do sentir e do pensar. A dificuldade em lidar com ela está relacionada à “incapacidade de lidar com a vida” (ARANHA; MARTINS, 1993, p.334).

Ou seja, esse rompimento com a familiaridade faz com que a morte seja afastada da sociedade, fazendo com o que o ser humano perca sua singularidade, pois, tendo conhecimento de sua morte e aceitando que um dia ela venha, é que o ser humano consegue ser autêntico.

2. A Relação Morte x Capitalismo

A sociedade moderna, muitas vezes chamada de pós-moderna, segundo muitos teóricos está baseada no capital. É o que diz E. Ann Kaplan nos seus estudos sobre o pós-modernismo.

O pós-modernismo “comercial” ou cooptado, por outro lado, foi teorizado por Baudrillard (na esteira de McLuhan) e, mais recentemente, por Arthur Kroker e David Cook. Para esses autores, o pós-modernismo está ligado ao novo estágio do capitalismo multinacional e multiconglomerado de consumo, e a todas as novas tecnologias esses estágio produziu. Esse pós-modernismo é descrito como radicalmente transformador do sujeito, através de sua extinção da cultura. O inferno já não se separa do externo; o espaço privado não pode se opor ao público; a alta cultura ou de vanguarda já não contrasta marcadamente com a cultura popular consumista (KAPLAN, 1993, p. 15).

Em outras palavras, o capitalismo seria a base de toda a sociedade atual, priorizando a cultura de massa voltada ao consumo. A arte, para exemplificar, dá espaço à indústria cultural baseada na publicidade e no automatismo: “Ainda que no contexto da Guerra Fria as artes tivessem um papel importante, as massas são mais diretamente atingidas pela indústria cultural e pela publicidade, que se ocupam da formação da mentalidade moderna e dos novos hábitos de consumo” (TROJAN, 2006, p. 4).

Tal visão é corroborada, em suas discussões a respeito das diferenças entre modernismo e pós-modernismo, por Fredric Jameson que diz que

Agora, porém, precisamos introduzir neste quebra-cabeça uma nova peça, que talvez ajude a explicar por que o modernismo clássico é coisa do passado, e por que o pós-modernismo tomou seu lugar. Esse novo componente é o que geralmente se denomina de “morte do sujeito”, ou, para dizê-lo numa linguagem mais convencional, o fim do individualismo como tal (JAMESON, In: KAPLAN, 1993, p. 29).

Nesse panorama cultural, sustentado na base capitalista, o que prevalece é uma cultura que preza pelo coletivo, o individual é esquecido, ou como mesmo diz o teórico, “morto”. Ou seja, essa identidade pessoal seria coisa do passado, o sujeito individual ou individualista já não existiria mais. O capitalismo primaria pelo coletivo em detrimento do individual.

[...] sim, numa certa época, na era clássica do capitalismo competitivo, no apogeu da família nuclear e da emergência da burguesia como classe social hegemônica, havia uma coisa chamada individualismo, sujeitos individuais. Mas hoje, na era do capitalismo empresarial, do chamado homem da organização, das burocracias na vida comercial e no Estado, da explosão demográfica – hoje, esse antigo sujeito individual burguês já não existe (JAMESON, In: KAPLAN, 1993, p. 30).

Ora, se a morte é um fenômeno individual e intransferível como diz a corrente existencialista, e o capital, monopoliza suas forças no coletivo, logo, na cultura de massa, não há espaço na sociedade atual para a morte. Ou seja, a sua não “familiaridade” anula a subjetividade humana. A morte, que, segundo Ariès, foi abolida das discussões sociais atuais. Morte que segundo os existencialistas é o que faz o ser-humano atingir a existência autêntica.

A morte se desvela como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. Ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal, “sofrida” por quem morre. Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas “junto” (HEIDEGGER, 2008, p. 313).

3. A Morte Intermitente de Saramago

O romance *As Intermitências da Morte* de José Saramago conta a história de um país no qual, a partir do primeiro dia do ano, não há mais mortes. Não se entende inicialmente a causa dessa interrupção, mas assim que os dias passam e as mortes não acontecem, o país entra em verdadeiro *frenesi* pelo sonho, que fora de muitos povos desde o primórdio dos tempos, enfim conquistado. O medo do fim da existência, o medo da morte vir atacar-lhe a qualquer momento sem aviso prévio, como uma inimiga que nos tira, muitas vezes, no melhor momento de nossas vidas, sem esperar a conclusão de um plano, de uma idéia, de um projeto; todos esses medos - somados também ao medo do destino numa possível vida pós-morte, ou seja, uma condenação a ser paga por uma vida não-digna segundo preceitos religiosos – desapareceram do coração da população com o desaparecimento da morte.

Tendo vivido, até melhor de todos os mundos possíveis e prováveis, descobriam, deliciados, que o melhor, realmente o melhor, era agora que estava a acontecer, que já o tinham ali mesmo, à porta da casa, uma vida única, maravilhosa, sem o medo quotidiano da rangente tesoura da parca, a imortalidade na pátria que nos deu o ser, a salva de incomodidades metafísicas e grátis para toda a gente, sem uma carta de prego para abrir à hora da morte, tu para o paraíso, tu para o purgatório, tu para o inferno, nesta encruzilhada se separavam, em outros tempos, queridos companheiros, deste vale de lágrimas chamado terra, os nossos destinos no outro mundo (SARAMAGO, 2005, p. 23, 24).

Entretanto, se as mortes cessam, os acidentes e doenças continuam freqüentes, fazendo com que as pessoas fiquem em estado de “vida suspensa” ou “morte parada”, definições dadas pelo narrador.

Desvairados, confusos, aflitos, dominando a custo as náuseas, os bombeiros extraíam da amálgama dos destroços míseros corpos humanos que, de acordo com

a lógica matemática das colisões, deveriam estar mortos e bem mortos, mas que, apesar da gravidade dos ferimentos e dos traumatismos sofridos, se mantinham vivos e assim eram transportados aos hospitais, ao som das dilacerantes sirenes das ambulâncias. Nenhuma dessas pessoas morreria no caminho e todas iriam desmentir os mais pessimistas prognósticos médicos (SARAMAGO, 2005, p. 11, 12).

Há, algum tempo depois da descoberta da pausa da morte nas suas atividades, uma reunião entre filósofos e religiosos do país “presenteado” com a vida eterna na terra. Eles se dividem em otimistas e pessimistas, sendo este último grupo maior em número de adeptos e mais forte em seus argumentos a respeito da nova situação humana. Um dos filósofos inquieta-se com a supressão da morte.

Sendo assim, interveio um filósofo da ala otimista, por que vos assusta tanto que a morte tenha acabado, Não sabemos se acabou, sabemos apenas que deixou de matar, não é o mesmo, De acordo, mas, uma vez que essa dúvida não está resolvida, mantenho a pergunta, Porque se os seres humanos não morressem tudo passaria a ser permitido, E isso seria mau, perguntou o filósofo velho, Tanto quanto não permitir nada (SARAMAGO, 2005, p. 36).

Sendo ele, em outras palavras, muitos pressupostos que formaram a base das teorias da ética e da justiça são baseadas na presença da morte. Não existindo mais morte, o caos provavelmente se instalará, já que ninguém mais morrerá. Outro filósofo atribuiu o possível caos social também ao fim da religião, pois, segundo ele, a morte é o que sustenta a religião, é a base de convencimento à conversão dos fiéis. Sem morte, não haveria mais religião. E o caos aumentaria: “Este ácido argumento saiu da boca do mais velho dos filósofos pessimistas, que não ficou por aqui e acrescentou acto contínuo, As religiões, todas elas, por mais voltas que lhes demos, não têm outra justificação para existir que não seja a morte, precisam dela como do pão para a boca” (SARAMAGO, 2005, p. 36). Outro filósofo se atenta à futura condição dos hospitais e outras instituições que se prejudicaram com falta da morte:

O pior é que o futuro é já hoje, disse um dos pessimistas, temos aqui, entre outros, os memorandos elaborados pelos chamados lares do feliz ocaso, pelos hospitais, pelas agências funerárias, pelas companhias de seguros, e, salvo o proveito de qualquer situação, há que reconhecer que as perspectivas não se limitam a ser sombrias, são catastróficas, terríveis, excedem em perigos tudo o que a mais delirante imaginação pudesse conceber, (SARAMAGO, 2005, p. 34, 35).

Hospitais e asilos, então, ficam superlotados. As agências funerárias só não falem, pois conseguem mudar de estratégia, passam a enterrar os animais. A sociedade moderna, baseada no capital, começa a balançar suas bases com a supressão da morte. A humanidade então vai percebendo a carga de problemas sociais que vem à tona com a conquista da vida eterna terrena. Instituições que supostamente zelavam pela ordem, como a Igreja, e instituições de alta importância pública como os asilos e os hospitais estavam fadados ao caos por sua superlotação. Contudo, a maior falência mesmo seria do estado, que se veria obrigado a pagar aposentadorias eternas. Seria o seu fim, chegaria um dia que o estado já não existiria mais. E com isso a fome, a desorganização, o caos total.

Vossas excelências, senhores que nos governam, talvez não nos queiram crer, mas o que aí nos vem em cima é o pior dos pesadelos que alguma vez um ser humano pôde haver sonhado, nem mesmo nas escuras cavernas, quando tudo era terror e tremor, se terá visto semelhante cousa [...] se quer que lhe falemos com franqueza, de coração na mão, antes a morte, senhor primeiro-ministro, antes a morte que tal sorte (SARAMAGO, 2005, p. 32).

4. A Abolição da Morte em Orígenes Lessa

Escrito mais de meia década antes da publicação do romance de José Saramago, o livro *A Desintegração da Morte de Orígenes Lessa* já tratava dos mesmos assuntos presentes na obra do escritor português. Um cientista, por meio de experiências que não se explicam durante a narrativa, acaba por suprimir a morte. Pessoas sofriam os acidentes mais terríveis e mesmo assim permaneciam vivas, como o caso de um homem em Nova York que fora à cadeira elétrica e sobrevivera à descarga mortal. O primeiro grande caso a vir a público é do médico que restituía o membro amputado ao corpo, e ao fim, havia vida:

E juntando as duas partes esfaceladas, displicentemente, despreocupado, assobiando um velho blue de sua infância não distante, costurou-as, começando a achar divertido o trabalho. O susto fora meia hora depois, quando voltara com os enfermeiros a fim de enviar o cadáver para o necrotério. O cadáver tinha cores, o cadáver estava quente, o coração batia, os pulsos latejavam [...] O pulso latejava. O médico auscultou o coração. O estudante repetiu-lhe o gesto. Os padioleiros fugiram apavorados. O morto viva. Sensação. A notícia ganhou a cidade. A ativa reportagem dos jornais da tarde pôs se em campo. Os prelos gemeram. O rádio e o telégrafo contaram o acontecimento ao mundo. O patriotismo nacional estuou pelas ruas. O Dr. Paiva foi convocado pelo telefone internacional, de S. Francisco e Nova York, para confirmar a notícia. Aliás, em Paris, uma perna levada por um velho táxi fora recolocada e já se movia, dolorida e difícil, mas se movia. E os telegramas de Moscou relatavam que, naquela mesma semana, duas experiências de igual gênero, com pernas e braços cortados, haviam tido igual feito. (LESSA, 1982, pg. 19).

A descoberta da não-morte causou, como no romance saramaguiano, festas e comemorações em todos os cantos. O ser humano sem a morte é o sonho conquistado. O fervor tomou conta das ruas:

E pais e filhos e irmãos e amigos e inimigos beijavam-se em febre. Os enfermos abandonavam os leitos, na ilusão da cura, livres do espantinho milenar. De todos os lados subiam músicas festivas, as estações de rádio transmitiam hino e Te Deums, crianças e velhos, particularmente velhos, pulavam de júbilo.
- A morte acabou (LESSA, 1982, pg. 32).

Contudo, a sociedade, e não demoraria muito para tal, entraria em caos. Empresas faliriam. As agências funerárias, ainda sem entender realmente o que se passava com a falta de mortes, começaram uma campanha desenfreada para conquistar sua “clientela”. Os hospitais estavam superlotados, a dor não fora abolida, nem o envelhecimento do corpo, a fome continuaria, e o ser-humano havia perdido o rumo

Depois a humanidade foi despertando. Com a morte, acabara o álcool. Todos os instrumentos de fuga ou de falsa alegria tinham sido esgotados. Das sarjetas, dos subterrâneos, dos porões, os gemidos subiam. Corações varados, crânios esfacelados, corpos largados na miséria do chão. Ruínas fumegavam ainda. E restos de homens, no meio das cinzas semi-extintas, uivavam de dor, a carne tostada pela fúria das chamas. Os enfermos antigos choravam de novo. Vinha do bojo de todos os ventos, partida de todos os cantos, a queixa desesperada dos homens feridos. Crianças famintas procuravam pão. Navios desgovernados se perdiam no mar. Os homens não sabiam que caminho seguir. Na terra e no mar. Os senhores da Terra haviam perdido o comando das rédeas e as multidões vagavam como bestas sem freio, procurando rumo (LESSA, 1982, pg. 36).

Além de todos os problemas sociais que a morte causa após sua desintegração, ela causa problemas de ordem psíquica nas pessoas. Eles são obrigados agora a conviver com a eternidade. Ora, querer viver mais sempre foi o desejo dos seres humanos. O não-conhecimento do que nos aguarda após a morte sempre causou-nos angústia. Agora a angústia é do viver eterno na terra, da repetição das coisas, *ad infinitum*:

Mas Jean Marie Dupont olhou a esposa, nesse dia de uma singular beleza na pele clara, que ele sabia de uma doçura aveludada. Nunca pensara antes na morte de Madame Dupont. Nem a desejara. Mas a idéia de que Paulette não morreria mais o encheu de um desespero sobre-humano. Jean Marie viu então a eternidade. Um caminho sem fim. E ao seu lado Paulette. Sempre se levantando à hora certa. Sempre espanando os móveis, arrumando os tapetes [...] Sempre o aconselhando a comer. Sempre servindo o vinho. Sempre cortando o queijo [...] Sempre se queixando contra o preço das coisas. Sempre lhe recebendo o ordenado. Sempre discutindo com os fornecedores. Sempre zelando. Sempre limpando. Sempre cuidando. Sempre. Sempre. Sempre (LESSA, 1982, pg. 39,40).

E, tendo agora a volta da morte como meta, a população passa a lembrar dos velhos tempos nos quais a morte era presença constante. Figuras outrora odiadas eram santificadas como “dadores” da morte. O milagre que se buscava agora era morrer.

E Hitler e seus apóstolos – Goebbels, Goering e tantos outros – enterneciam o coração dos homens desvairados, ao lado de outros demiurgos qualificados no seu tempo como criminosos comuns. Cada país tinha os seus santos. Antônio Silvino e Lampião ocupavam agora, no Brasil, o lugar do Bom Jesus da Lapa ou do Senhor do Bonfim. Dillinger patrocinava seita própria, nos Estados Unidos. Jack, o Estripador, tinha os seus fiéis. José do Telhado tinha imagem em quase todas as casas portuguesas. E havia ainda divindades abstratas, o culto das vagas formas, a Fome, a Peste, a Guerra, entidades que no passado tinham feito milagres. Para os novos deuses se erguia a prece de milhões de seres. Templos cheios, procissões intermináveis. A morte! A morte! A morte! (LESSA, 1982, pg. 65).

5. Considerações Finais

Em guisa de conclusão, Retomando Ariès, a sociedade moderna aboliu a morte das discussões, fazendo que com que se vivesse sem a sua existência. Procura-se falar nela o mínimo, e a sua figura causa medo e pavor quando é lembrada. Segundo o próprio autor, o luto em relação à morte de pessoas próximas passa a ser “masturbático”, ou seja, o luto não pode ser mostrado, o choro deve ser contido e escondido. É necessário que se aperceba o mínimo que a morte tenha se manifestado.

Contudo, viu-se, nos dois romances, duas sociedades modernas que se alegram em um primeiro momento sabendo da conquista da vida eterna, mas sociedades que, tão logo passada a euforia, vêem-se perdidas e alarmadas. Vários setores da sociedade, incluindo empresas, hospitais, asilos, religiões e até mesmo o casamento entram em colapso pela não-morte. O que se vê é que a morte é fundamental para a manutenção da sociedade. Contudo, a não-morte causaria danos não somente em uma sociedade capitalista baseada na massificação, mas em qualquer sociedade em qualquer época. O que a sociedade moderna baseada no capital na verdade contribui é na morte do indivíduo, ser que, segundo Heidegger, face à clarividência da morte, descobre sua existência autêntica. Os dois romances nos transportaram para uma mesma realidade: uma possibilidade de sociedade sem morte. À sua maneira, ambos a apresentam como fadada ao fim e ao caos.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KAPLAN, E. Ann. *O Mal Estar no Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- JAMESON, Fredric. *O Pós Modernismo e a Sociedade*. In: KAPLAN, E. Ann. *O Mal Estar no Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993
- LESSA, Orígenes. *A Desintegração da Morte*. São Paulo: Moderna, 1982.
- SARAMAGO, José. *As Intermitências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- TROJAN, Rose Meri. (PÓS) MODERNISMO, TRABALHO E EDUCAÇÃO. *GE: Educação e Arte / n.01* Disponível em "http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3018--Int.pdf"